

Data: 18.07.2020

Título: O prato de lentilhas

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6

O prato de lentilhas

JOÃO DUQUE E6



Área: 180cm²/6%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6898579

O PRATO DE LENTILHAS



“Confusion de Confusiones”

João Duque
 jduque@iseg.ulisboa.pt

Um dia, ao chegar da caça esfomeado, Esaú encontrou Jacob, o irmão mais novo, a deliciar-se com um prato de lentilhas. Toldado pela fome que o atormentava, trocou os direitos que lhe destinava a progenitura pelo prato de lentilhas. “Que me importa a mim o direito de primogenitura se estou a morrer de fome?”

Se não estávamos bem antes de começar a pandemia, por que razão imaginar que passada a dita iríamos ficar bem? É certo que a economia estava a crescer acima da média europeia e que o défice tinha sido degolado. Mas mantinha-se o problema de uma elevadíssima dívida, um investimento privado baixo, uma taxa de poupança escassa, um nível de investimento público escasso e uma população a envelhecer perigosamente. E estes problemas amarravam-nos o crescimento, a ponto de estarmos a ser ultrapassados, ano após ano, pelos nossos concorrentes europeus em termos de PIB *per capita*, medido em paridade de poder de compra.

Por isso, quando sairmos desta pandemia vamos estar muito mais endividados e sem margem para investir através de mais dívida pública. O efeito da redução do PIB, conjugado com o efeito do défice esperado de 7% (pelo menos), vai, no mínimo, atirar a dívida pública para valores da ordem dos 137% do PIB. Recordemos que o máximo atingido foi de 132,9%. O caso pode ainda

agravar-se se os turistas estrangeiros não vierem para Portugal e se o défice for ainda maior do que o aprovado, como já começou a aceitar o ministro das Finanças.

Por isso não há margem de manobra. O primeiro-ministro já o percebeu, e mesmo com a possibilidade de esta crise aumentar o endividamento de todos os Estados do euro há um sério risco de o nosso ficar muito desalinhado com os demais, correndo-se então um risco preocupante de algum desinteresse pela dívida portuguesa no mercado primário. Isso traria uma subida imediata das taxas de juro nacionais.

Daí o périplo de António Costa a “vender” Portugal. Não o nosso imobiliário em vistos *gold*, mas agora a segurança do nosso turismo. Ele sabe em que estado tem o Estado que tem governado. Sabe que sem plano europeu com a Europa a endividar-se e a dar-nos alguns dos fundos nós dificilmente conseguiremos ir captar mais 15% ou 20% de PIB em dívida adicional. E sabe que sem esse capital de investimento Portugal não consegue dar a volta que a economia precisa para ser competitiva.

Um prato de lentilhas para manter o lugar.

Se não estávamos bem antes de começar a pandemia, por que razão imaginar que passada a dita iríamos ficar bem?